



«Trono dos Poetas»



PÁGINA DE FIDELIDADE DO CONFRADE EUGÉNIO DE SÁ

Peço perdão

Peço perdão aos versos meus, exaustos
palavras que hoje brotam dos socacos
de degrau em degrau, desiludidos.
Versos que outrora me surgiam breves
nas dobras das venturas que eram leves
que me foram pesando nos gemidos.

Peço perdão aqueles que me vão lendo
e que aos poucos se vão apercebendo
que esta alma que escreve está doente.
Os que comigo vão sentindo as dores
que lêem nos sofridos dissabores
entrelinhas ocultas, mas latentes.

Peço perdão ao Deus que me criou
e, tal como eu, não sabe aonde vou
no desbocado arfar de mil andanças.
Vou - talvez desvairado - por caminhos
que me fazem tombar em desalinhos
perdido de destinos e paranças.

Peço perdão aos ventos do destino
que me fadaram calhado pro atino
mas que eu traí, omisso da razão.
Retorna a mim, poesia redentora
invade-me de ti, que és sonhadora
e apazigua-me esta inquietação.

Como morde este cão!

Eu vim de longe viver em ti desgraças
Terra que amei e venerei demais
Ora, em meu peito passam vendavais
Por em ti ver foçarem gentes baças

Aqui ressuscitou a violência
Alternados poderes a proclamaram
E todos os direitos já ceifaram
Pla força da mais vil onipotência

Fechamo-nos nos medos que tememos
Obrigam-nos a tudo o que não queremos
Plo pavor do abismo, assombração

Como morde - sem dentes - este cão
De raça amaldiçoada, que vilão
Habita no canil onde o pusemos?

Quem És Tu, Bom Trovador?

Quem és tu que tão bem cantas
e que as donzelas espantas
com este cantar de amor ?
Vens da medieva idade
ou, para falar verdade,
é mais velho o teu fulgor?

Sáis-te de um Amadis
ou da trova de um Dinis
que foi referência maior?
Neste Portugal amante
talvez sejas um Infante
Quem és tu, bom trovador?

Palavras secas

Secaram-se as palavras nestes dedos
Que outrora as faziam deslizar
Lestas, fluidas, querendo poeitar
As idéias, os sonhos, os segredos...

Talvez que um dia voltem a brotar
Destas mãos de poeta entorpecidas
Pelos desencantos desta e d'outras vidas
Que aos poucos as fizeram bloquear.

E ao olhar o espaço ora vazio
Que, sem palavras, vago se apresenta
O meu olhar é cada vez mais frio.

Lembro então a sentença bolorenta
Velha, qual côdea que fede a bafio:
A poesia perdida não mais acalenta!

Eis um Soneto

(Eugénio de Sá responde
ao seu amigo José Hamilton)

Catorze versos que contam
coisas que à alma disseram
oito, lançam-nas e apontam
um final que seis quiseram.

D'Eugénio não são pertença
depois de escritos, são povo
que os assume em sua crença
voltando às almas, de novo.

Zé Hamilton, meu amigo;
como vês, nada é d'alguém,
nem os versos que eu escrevo

têm mais dono, eu te digo.
São do cerne, que os contém
É de lá que eu os transcrevo.

Dolorosa Intimidade

Quem não se tenta perante o magnetismo
De um encontro com a sua solidão?
Quem pode resistir à tentação
De desvendar o seu próprio hermetismo?

Passamos toda a vida a distrair-nos
Tudo é pretexto pra não estarmos sós
Porque há receios, há pavores em nós
Do que possamos ser se o descobirmos.

Mas um dia quebramos os tabus;
Seja o que Deus quiser! - e decidimos
Despir as proteções e ficar nus.

E aberto o nosso cerne então surgimos
Perante todas as dores da nossa cruz;
As que, mesmo escondidas, mais sentimos!

Com mãos

Com mãos faz-se expressão
Com mãos se faz o pão que Deus nos dá
Com mãos se pede a Ele p'lo nosso irmão
Com mãos se reivindica o que a vida não dá

E se é com mãos que se bate em alguém
É com as mesmas mãos que se pede perdão
E é pena que as mãos sejam também
Culpadas se as lavamos, negando a redenção

Com mãos se renega o amor que nos dão
Com mãos se abraça, com mãos se acaricia
Com mãos se trai quem já nos deu a mão
Com mãos se busca o pão de cada dia

E se é com mãos que se limpam os olhos
Se as lágrimas de dor ganham o apogeu
Também é com as mãos que se removem escolhos
Propiciando o sonho a quem já o perdeu